

Filosofia, tecnologia e tecnocracia: uma análise conceitual



José Fernando de Moraes Firmino^[1], Hegildo Holanda Gonçalves^[2]

[1] fernandopow_cz@hotmail.com, [2] holandahg@hotmail.com. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Câmpus Cajazeiras

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão sobre os conceitos de Tecnologia e de Tecnocracia, a partir da ótica filosófica. Desenvolveu-se no contexto de um projeto de pesquisa, realizado por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio – PIBIC-EM no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Câmpus Cajazeiras, encontrando-se em fase de conclusão. O objetivo do referido projeto é analisar e socializar discussões sobre a técnica e a tecnologia a partir de um viés filosófico. Salienta-se que o projeto foi desenvolvido por aluno de curso técnico integrado ao ensino médio, com o intuito de aproximação dos conceitos em questão. Optou-se pela investigação do tipo bibliográfica, a partir do diálogo com teóricos como Dusek, Lévy, Platão, entre outros. Com base na análise feita, chegou-se a alguns achados: primeiro, não se pode desconsiderar, na conceituação de técnica, características humanas, como a razão, a liberdade, a criatividade, o discernimento, a escolha e a ambição, aspectos necessários para facilitar a condição e o trabalho humano. Segundo, a técnica está amplamente ligada à tecnologia, pois aquela precede a criação desta e participa de sua utilização. E, por fim, o complexo sistema tecnocrático só pode de fato existir na presença constante das técnicas, mas compreende-se que o governante fundamentalmente tecnocrata é também, na verdade, um estudioso, um aluno. Para que tal governante exista, é necessária uma educação bem fundamentada e completa. Essa é exatamente a relação entre técnica, tecnologia e tecnocracia.

Palavras-chave: Técnica. Tecnologia. Tecnocracia. Filosofia.

ABSTRACT

This article is a reflection about the concepts of Technology and Technocracy, from the philosophical viewpoint. The investigation was developed in the context of a research project, through the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships for High School at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba – Campus Cajazeiras, finding himself in its final stages. The project's goal is to analyze and socialize discussions about technique and technology from a philosophical bias. It is noted that the project was developed by student of the technical high school in order to approach him to the concepts in question. We opted for the bibliographical type of research, from the dialogue with theorists like Dusek, Lévy, Plato, among others. Based on the analysis we have reached some findings: first, one cannot ignore, in the conceptualization of technique, human characteristics such as reason, freedom, creativity, discernment, choice and ambition, features that are necessary to facilitate the human condition and work. Second, the technique is widely linked to technology, because the first precedes the second's creation and participates in its use. Finally, the complex technocratic system can only actually exist in the constant presence of the techniques, but it is understood that the fundamentally technocratic ruler is also, in fact, a scholar, a student. For this ruler to exist, a well-reasoned and thorough education is required. This is exactly the relationship between technique, technology and technocracy.

Keywords: Technique. Technology. Technocracy. Philosophy.

1 Introdução

O presente artigo constitui uma reflexão sobre os conceitos de Tecnologia e de Tecnoocracia, tendo como pano de fundo a Filosofia. Dessa forma, pensamos que a filosofia mostra-se como uma “possibilidade histórica”, uma maneira de enfrentar intelectualmente a vida. Daqui decorrem as questões norteadoras que embasam toda a reflexão proposta: pode-se filosofar em um contexto no qual nos sentimos arrastados pelas urgências e o interesse está voltado para o imediato? Conscientes do caráter histórico de toda a situação, certos de que a técnica domina o mundo e que o homem encontra-se acuado pelas urgências mais prementes, que sentido podem ter a tecnologia e a tecnoocracia?

Assim sendo, esta investigação é resultado de uma pesquisa bibliográfica fundamentada na filosofia, desenvolvida por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio – PIBIC-EM. A pesquisa encontra-se na sua fase conclusiva e tem como principal característica a análise conceitual dos termos *técnica*, *tecnologia* e *tecnoocracia*. Não temos a pretensão de realizar um estudo exaustivo sobre o tema ao longo da história da filosofia, mas sim uma reflexão, à luz dos conceitos filosóficos, acerca dos temas já citados. Para tanto, estabelecemos um diálogo com autores que pudessem nos levar a uma melhor compreensão dos termos ora mencionados. Nesse sentido, nos servimos, em primeiro lugar, das reflexões de Dusek (2009), as quais exploram os diferentes tipos de tecnologias e o modo como elas vêm influenciando o nosso pensar e agir em sociedade. Esse autor compara o seu trabalho com o de outros filósofos pesquisadores da área, mostrando os pontos dos conceitos que são cruciais para que se entenda a caracterização principal da tecnologia e suas definições em geral. Em segundo lugar, utilizamos o pensamento de Lévy (2011), que traz uma análise detalhada do conceito de técnica, contextualizando-o com o avanço da atual sociedade e do pensamento competitivo humano, em relação à cultura, às interações sociais e à educação.

No que tange ao conceito de Tecnoocracia, nos utilizamos não só do livro “A República”, de Platão, que é item-chave para o entendimento do pensamento tecnocrático, como também do livro “Filosofia da Tecnologia”, de Val Dusek, que compila o pensamento tecnocrático, organizado cronologicamente de acordo com cada autor trabalhado por ele.

Portanto, com esta pesquisa esperamos dar um contributo para as reflexões sobre a técnica, a tecnologia e a tecnoocracia, numa tentativa de elucidação conceitual, objetivando, assim, discutir filosoficamente questões avassaladoras tão prementes no desenvolvimento tecnológico reinante na sociedade hodierna.

2 Conceituando técnica e tecnologia

Vivemos hoje em um mundo dominado pela ânsia por poder e controle em basicamente todas as áreas de atuação humana, seja ela política, territorial ou financeira. Para alcançar tal poder, o homem, como ser social e racional, busca expressar formas que o levem ao ponto desejado, utilizando-se, para tanto, de seus conhecimentos técnicos.

O termo *técnica* é muito empregado no dia a dia social, seja em teoria ou prática. Mas o que é, na verdade, técnica? Será que podemos de fato defini-la? É possível estabelecer uma relação entre técnica e tecnologia? Quais os resultados dessa relação?

A palavra *técnica* tem origem no termo grego “*téchne*”, que pode ser traduzido como arte ou ciência. Podemos traçar um paralelo entre essas definições da seguinte forma: a arte é uma manifestação humana feita a partir das percepções, ideias e emoções, enquanto a ciência é definida, em síntese, como conhecimento ou saber. Sendo assim, podemos realizar uma definição prematura de *técnica*: uma manifestação do conhecimento humano a partir das suas percepções, emoções e ideias. “Nesse sentido, T. [técnica] não se distingue de arte, de ciência, nem de qualquer processo ou operação capazes de produzir um efeito qualquer: seu campo estende-se tanto quanto o de todas as atividades humanas. [...] O pressuposto desse significado, porém, é a redução de T. [técnica] a procedimentos causais, ao passo que esse termo foi entendido (da melhor maneira) como procedimento qualquer, regido por normas e provido de certa eficácia” (ABBAGNANO, 2012, p. 1106).

Essa definição ainda não satisfaz o conceito de técnica ao qual se pretende chegar, pois nela faltam as características humanas. Conforme Dusek (2009), ao mesmo tempo em que este conceito nos mostra que nosso conhecimento é reinante no mundo das técnicas, ele exclui a principal fonte de nosso conhecimento: a *razão*. Empregamos as técnicas para alcançar o domínio sobre nossa realidade. Para tal, sobrepomos a nossa vontade à realidade, fazendo uso da razão. Sendo assim, podemos modificar o

conceito de técnica para: uma manifestação da razão do homem, baseada em suas percepções, emoções e ideias, seguindo a vontade de moldar a sua realidade. “Parece-me, pelo contrário, que não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas)” (LÉVY, 2011, p. 21).

Esse conceito adiciona mais contexto ao nosso sentido de técnica. Agora não temos apenas a manifestação do conhecimento humano, mas também de sua razão. Mas a característica fundamental do fazer técnico, sem dúvida, é a necessidade de moldar a realidade. Indubitavelmente, desenvolvemos técnicas para facilitar o nosso dia a dia.

Mesmo esse conceito estando mais próximo do desejado, ele ainda não satisfaz a ideia geral que deve ser atingida.

Então, o que falta? Talvez a relação entre o homem e o meio onde vive. E isso pode ser explicado também através da razão humana, juntamente com o *discernimento*.

Como ser racional, o homem é capaz de pensar e ser livre para escolher e agir de acordo com o que pensa e com o que está capacitado a fazer. Isso é autonomia, ou seja, a capacidade de usar o seu poder (adquirido através da razão) conforme sua vontade. Nesse sentido, ao perceber a inevitabilidade de adequar o meio às suas necessidades, o ser humano utiliza-se das mais diversas técnicas para criar, melhorar e modificar seu ferramental de trabalho, suas ações criativas e construtivas. Dessa forma, a relação entre o homem e o meio onde vive é de constante mudança e reparos. Pierre Lévy (2011, p. 21-22) complementa esse raciocínio: “[...] com a roda e a navegação que abriram seus horizontes; com a escrita, o telefone e o cinema que o infiltram de signos; [...] o mundo humano é, ao mesmo tempo, técnico”.

Não é apenas essa relação que pode ser apontada como fundamental para definir técnica. Características humanas como a razão, a liberdade, a criatividade, o discernimento, a escolha e, principalmente, a ambição nos levam a criar técnicas que carregam consigo os aspectos necessários para facilitar as mais diversas condições e os mais diversos trabalhos humanos. Esses aspectos podem ser o reflexo de todas as nossas emoções, ideias e conhecimentos, levando também, atrelada, a nossa ânsia por controle.

Repare que a ânsia *por controle* tornou-se basicamente a razão do fazer técnico. Os produtos que compramos, assuntos que estudamos, diálogos que realizamos e aulas que assistimos são prontos para nos preparar para dominar o nosso meio, desde o nosso ambiente de trabalho até o preparo de nossas refeições diárias. Tudo isso alcançamos com a técnica.

É nessa perspectiva que Lévy (2011, p. 24) afirma: “Por trás das técnicas agem e reagem ideias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. [...] Mas também responde aos propósitos de desenvolvedores e usuários que procuram aumentar a autonomia dos indivíduos e multiplicar suas faculdades cognitivas. Encarna, por fim, o ideal de cientistas, de artistas, de gerentes [...]”.

No conceito completo de técnica, podemos frisar a submissão da realidade à nossa vontade. O controle de que vimos falando serve justamente para isso: para submeter a realidade à nossa vontade, não por um simples capricho, e sim pela pura e justa necessidade.

Isso explica a grande atuação do fazer técnico em nossa sociedade e como ele tem se tornado mais amplo e atrativo na atualidade. Tornar a vida mais fácil tem sido a função de técnicos e tecnólogos desde que surgiu a necessidade.

E a tecnologia? O que de fato é a tecnologia? O que pode ser considerado tecnológico?

Essas perguntas são válidas para caracterizar a tecnologia e mostrar a sua influência no meio humano. Não vamos nos ater ao que pode, ou não, ser avanço tecnológico, mas vamos ampliar o seu conceito e contextualizá-lo no nosso meio social.

Segundo Dusek (2009), há três formas de definirmos a tecnologia; cada uma aponta para caracterizações diferentes do que ela é e pode ser.

A primeira delas trata a tecnologia como instrumental. De forma simples, a define como ferramentas e máquinas. Mesmo sendo, de certa forma, um conceito limitado, ele nos conta que, quando construímos algo em prol do nosso desenvolvimento, como também do avanço do nosso meio – sendo esse algo ferramentas ou máquinas –, isso será tecnologia. É muito fácil apontar o computador como o maior avanço tecnológico dos últimos tempos, mas nos esquecemos de que, para o homem, a pá, a enxada, a lança e demais instrumentos similares foram avanços tecnológicos significativos e também são tecnologia.

Sobre isso, Val Dusek (2009, p. 47-48) nos diz: “Geralmente, as imagens usadas para ilustrar uma brochura ou um folheto sobre tecnologia são de coisas como foguetes, usinas de energia, computadores e fábricas”.

Observando esse conceito de tecnologia, podemos enlaçá-lo com a técnica: as ferramentas são construídas a partir de técnicas apropriadas para sua confecção. Depois de prontas, é necessário que seus usuários sejam capacitados para seu manuseio. Ao aprender a manuseá-las, elas serão usadas para facilitar ou executar um trabalho. Tudo isso com o auxílio de técnicas diversas que nos levaram da construção até a utilização do ferramental.

Outra definição é a da tecnologia como regra. Ela nos traz a ênfase nas relações meios-fins, ou seja, é aquilo que é feito para se atingir um propósito. É isso que importa nesse conceito. Tecnologia, aqui, é essa relação, e não mais instrumentos e máquinas. Segundo Max Webber (1864-1920), em resumo, o avanço se dá em função de sistemas governados por regras, presentes em diversas áreas de interação humana.

“A ‘técnica’ de Ellul [...] trata a tecnologia antes como regras que como ferramentas. ‘Software’ versus ‘hardware’ seria outra maneira de caracterizar a diferença de ênfase. A tecnologia envolve padrões de meios-fins. A tecnologia psicológica de Skinner, a megamáquina sem ferramentas de Mumford ou as técnicas de Ellul não são problemas para esta abordagem da tecnologia” (DUSEK, 2009, p. 48).

A última definição traz a tecnologia como sistema. Enfatiza Dusek (2009) que, para que um instrumento, máquina ou artefato seja tecnologia, precisa estar em um contexto no qual as pessoas o usam, o reparam e o mantêm. Desse modo, uma refinaria de açúcar há muitos anos abandonada e inutilizada, que agora é apenas morada de animais selvagens, assim como um computador *desktop* que teve um pequeno problema elétrico e passou vários anos parado, acumulando poeira, não são mais tecnologia, pois não há mais a presença humana operando ou interagindo com esse maquinário ou computador. Para Dusek (2009), essa relação dá origem aos sistemas tecnológicos, que incluem o instrumento e as habilidades necessárias para a operação e a manutenção do artefato.

Outra perspectiva de análise – presente, principalmente, na contemporaneidade – é a de que a tecnologia, na verdade, é **ciência aplicada**, ou seja, uma aplicação das teorias científicas no intuito

de atingir determinados objetivos. A esse respeito, Dusek (2009) defende a tese de que essa visão é enganosa e estreita demais. Isso porque, para esse autor, não devemos compreender a ciência meramente como uma combinação de experimentos controlados com leis matemáticas da natureza. Tal concepção reducionista restringe a ciência apenas a esse tipo de conhecimento, próprio da Modernidade, negando toda a produção científica legada pela tradição. Nesse sentido, se negaria a produção dos gregos antigos, que contavam com observação e descrições matemáticas da natureza, mas não dispunham de experimentos controlados; se negaria toda a produção chinesa medieval, altamente desenvolvida tecnologicamente, com observação e teorização a respeito da natureza, mas que não dispunha da noção de leis da natureza, tampouco de experimentos controlados; entre outras.

Ao citarmos os pensamentos de Dusek, podemos chegar ao entendimento de que técnica e tecnologia estão amplamente ligadas ao homem e a sua interação com o meio. As características humanas trazem à tona a necessidade do fazer técnico e do construir através da tecnologia.

Sendo assim, nos utilizamos de técnicas para construir algo e isso que construímos ou elaboramos passa a ser tecnologia, que irá requerer certa técnica de manejo e utilização para ser aproveitada. Mas esse artefato só será de fato um avanço se for constantemente utilizado, mantido e reparado por nós, os seres humanos. Mesmo que a tecnologia criada seja um conjunto de regras, como uma constituição, por exemplo, ela passará a ser desconsiderada como um item tecnológico quando cair em desuso. Essa é a relação que procurávamos explorar. Perceba que a técnica está amplamente ligada à tecnologia, pois aquela precede a criação desta e participa de sua utilização. Nenhuma delas faria sentido ou sequer existiria sem a presença da humanidade, que as utiliza de acordo com a sua necessidade e vontade.

3 Teoria tecnocrática

O que é a tecnocracia? O que de bom ela tem a oferecer? De que forma ela influencia a nossa sociedade atual? Procuraremos responder a essas perguntas a partir da definição platônica, que tem em sua visão o filósofo como o mais capacitado dos governantes, necessitando, para isso, ser educado não só nos conhecimentos filosóficos, mas também nos científicos.

Dusek (2009, p. 57) define a tecnocracia como “uma teoria do governo por especialistas técnicos”, ou seja, um governo exercido por um técnico. A teoria não é exata quanto a que tipo de técnico está realmente qualificado para assumir um governo tecnocrático, mas Platão nos dá uma ideia de qual poderia ser.

Embora a palavra “tecnocracia” só tenha sido empregada por volta do século XX, suas raízes estão fincadas nos escritos e pensamentos de Platão. Na obra “A República”, o autor considera o filósofo como o governante ideal.

Platão também previa, para os seus governantes filósofos, uma instrução avançada em matemática, que os ensinaria sobre as formas ideais de formatos (as formas geométricas) e dos objetos físicos. Seguindo esses ensinamentos, os filósofos poderiam alcançar o entendimento sobre as formas ideais de noções éticas e morais (as virtudes).

Para Platão, as coisas possuíam estruturas reais, as quais ele chamava de formas. Essas formas estavam presentes apenas no mundo das ideias, ou seja, apenas no mundo inteligível, onde só seriam alcançadas através de reflexões puramente intelectuais. Aquilo que vemos, sentimos e tocamos através dos nossos cinco sentidos não são formas reais e não são confiáveis; sendo assim, as coisas presentes unicamente no mundo sensível não apresentam formas reais.

Com isso, Platão buscava mostrar que o filósofo, como eterno questionador e buscador da verdade, instruído nos estudos matemáticos, era o governante ideal, pois não se ateria às percepções sensoriais da sociedade governada e a seus problemas, mas sim buscaria um entendimento intelectual para a resolução dos problemas ou a melhoria de tal sociedade, almejando o bem.

Platão falava sobre dois tipos de filósofos: os que possuem o conhecimento para governar (pode-se ler como tecnocrata) e os que possuem o conhecimento, mas preferem ensinar aos demais (pode-se ler como filósofo epistemológico). Ele comprova essas ideias na alegoria da caverna, presente no Livro VII de “A República”.

Nessa alegoria, Platão traz um grupo hipotético de prisioneiros acorrentados durante toda a sua vida olhando para frente, com a visão focada em uma parede. Por trás deles estende-se um muro que os separa de uma fogueira. Entre esse muro e a fogueira há um caminho pelo qual caravanas de mercadores

costumam transitar levando os mais diversos objetos e plantas, entre eles marionetes. Ao passarem por esse caminho entre a fogueira e o muro, as marionetes produzem sombras, que aparecem na parede, em frente aos prisioneiros. As conversas entre os mercadores são confundidas pelos prisioneiros com conversas entre as sombras, pois para eles o que é real são as imagens projetadas na parede.

Os prisioneiros vivem em um mundo ilusório, de percepções falsas, por isso Platão achava que as percepções através dos sentidos são falhas.

Um dos prisioneiros do grupo consegue se soltar e seguir para fora da caverna, onde se ofusca com a luz do sol, pois a avista pela primeira vez. Ao acostumar-se com ela, começa a ver e a entender como são as coisas de fato. Inicia-se, então, um processo de aprendizagem intelectual, ou seja, Platão define o mundo sensível como sendo o mundo dentro da caverna e o mundo inteligível como sendo o mundo fora dela, e apresenta o Sol como a ideia geral do bem e da verdade. Depois de todo esse processo, o jovem liberto resolve voltar à caverna para dividir suas experiências com os demais. Ao voltar para a escuridão da caverna, ele fica cego com tamanho breu. Mais uma vez Platão utiliza metáforas nas quais a escuridão representa a ignorância e o desconhecimento. Habitando-se à escuridão e agora sendo capaz de caminhar pela caverna mais uma vez, o jovem vai até os prisioneiros e tenta conscientizá-los de que o que eles têm visto nada mais é do que sombras projetadas do que há fora daquele local, e que tudo vivido por eles até então não passa de mera ilusão do real.

Esse jovem prisioneiro, liberto das correntes que o prendiam em um mundo de ignorância, representa o filósofo epistemológico, pois dividiu o conhecimento adquirido com os demais. O fato de ter adquirido o saber sobre o mundo inteligível o torna um governante em potencial, pois ele possui o intelecto pronto para, por exemplo, liderar aquele povo prisioneiro, que se mantinha ignorante sobre o mundo fora da caverna. É dessa forma que Platão descreve o governante tecnocrata.

Sendo assim, se nós adquirirmos o conhecimento necessário que nos faça ter o poder de governar, também teremos o poder crítico de compreender e mudar o governo da nossa sociedade sem precisarmos ser, de fato, governantes.

Logo, podemos perceber que o complexo sistema tecnocrático só pode de fato existir na presença constante das técnicas, sendo elas voltadas para o

ato de governar, mas compreendemos que o governante fundamentalmente tecnocrata é também, na verdade, um estudioso, um aluno. Para que tal governante exista, é necessária uma educação bem fundamentada e completa. Essa é exatamente a relação entre técnica, tecnologia e tecnocracia.

Sabemos que a técnica é um poder que nos permite realizar as nossas vontades, mas também elencamos a sua função de nos capacitar para controlarmos ou dominarmos algo. A partir desse preceito criamos as tecnologias, que podem variar desde ferramentas, ou sistemas de regras, à interação homem-máquina, mas todos os tipos de tecnologia acrescentam vantagens práticas na aplicação das técnicas e necessitam do conhecimento destas para serem usadas adequadamente.

Em suma, segundo Platão, o filósofo tecnocrata deveria ser exemplarmente educado em lições aprofundadas de matemática para que ele compreendesse as formas e formatos, as ideias éticas e morais. Desse modo, ele conheceria as melhores formas de governar, ou seja, desenvolveria técnicas eficazes de governo, utilizando as regras e o ferramental tecnológico necessários para tal. Perceba que é estabelecido um ciclo no qual as técnicas capacitam os seres humanos ao ponto de eles mesmos melhorarem-nas ou criarem novas técnicas e tecnologias.

4 Considerações Finais

Desenvolver uma investigação filosófica que auxilie a pensar o sentido e a significação do processo do filosofar no contexto atual, cuja ênfase está nos desenvolvimentos tecnológicos, nos propicia o reconhecimento e a compreensão filosófica do nosso próprio tempo, visto estarmos inseridos numa conjuntura sociopolítica na qual impera o incentivo à competitividade global, que resulta no esfacelamento das relações humanas e num egocentrismo estrito no que tange à relação intersubjetiva.

Dessa forma, acreditamos que o estudo teórico aqui realizado nos trouxe os seguintes ensinamentos e achados:

Primeiro: como estamos imersos em um mundo dominado pela ânsia por poder e controle em, basicamente, todas as áreas de atuação humana, para alcançar tal poder, o homem, como ser social e racional, busca expressar formas que o levem ao ponto desejado, utilizando-se, para tanto, de seus conhecimentos técnicos.

Segundo, na conceituação de técnica, não podemos desconsiderar as características humanas, como a razão, a liberdade, a criatividade, o discernimento, a escolha e principalmente a ambição, que nos levam a criar técnicas que carregam consigo os aspectos necessários para facilitar as mais diversas condições e os mais diversos trabalhos humanos. Esses aspectos podem ser o reflexo de todas as nossas emoções, ideias e conhecimentos, levando também, atrelada, a nossa ânsia por controle.

Terceiro, mesmo que a tecnologia criada seja um conjunto de regras, ela passará a ser desconsiderada como um item tecnológico quando cair em desuso. A técnica está amplamente ligada à tecnologia, pois aquela precede a criação desta e participa de sua utilização. Nenhuma delas faria sentido ou sequer existiria sem a presença da humanidade, que as utiliza de acordo com a sua necessidade e vontade.

Quarto, o complexo sistema tecnocrático só pode de fato existir na presença constante das técnicas, sendo elas voltadas para o ato de governar, mas compreendemos que o governante fundamentalmente tecnocrata é também, na verdade, um estudioso, um aluno. Para que tal governante exista, é necessária uma educação bem fundamentada e completa. Essa é exatamente a relação entre técnica, tecnologia e tecnocracia.

Portanto, acreditamos que a reflexão filosófica sobre temas tão pertinentes nos dias atuais cumpre um papel formador no âmbito da conscientização político-social da juventude. Nesse sentido, essa reflexão não deve atender apenas a uma necessidade técnica voltada aos interesses em que estão envolvidas a teoria e a prática, mas deve abrir espaço para as discussões sobre pontos cruciais do mundo moderno.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 1232 p.
- DUSEK, V. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. 312 p.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 272 p.
- PLATÃO. **A República**. 1. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 352 p.